

ANÁLISE DE PERFIS DE PERSONALIDADE EM ATLETAS DE FUTEBOL

Sónia Brito-Costa

Universidade de Aveiro, sonya.b.costa@gmail.com

Angélica Piovesan

Universidade Tiradentes, angelicapiovesan@hotmail

Florêncio Vicente Castro

Universidade da Extremadura, fvicentec@gmail.com

Tâmara Sales

Universidade Tiradentes, tamara.sales89@hotmail.com

M^a Isabel Ruiz Fernández

University of Extremadura, miruiz@gmial.com

Hugo de Almeida

ISCA-Universidade de Aveiro, hugodealmeida@ua.pt

<http://dx.doi.org/10.17060/ijodaep.2016.n1.v2.304>

Fecha de Recepción: 14 Enero 2016

Fecha de Admisión: 15 Febrero 2016

RESUMO

Pretendeu-se determinar o Perfil de Personalidade baseado no Modelo dos Cinco Factores de Costa e McCrae (1987). A amostra foi constituída por 170 atletas, do género masculino da modalidade de futebol cuja média de idade se situou nos 18,50 anos, com um mínimo de 13 e um máximo de 33 anos. Utilizou-se a medidas de auto-relato *Ten Item Personality Inventory* (TIPI), versão Portuguesa (Brito-Costa, Moisés, Almeida, & Castro, 2015). A análise estatística foi efectuada através do *Software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 19 para *Windows*. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas no perfil de personalidade dos atletas em concreto, no factor *abertura a novas experiências*, na posição de *médio* face às restantes posições, bem como nos factores *conscienciosidade*, *estabilidade emocional* e *abertura a novas experiências* entre os *seniores* e os *subs*, e nos factores *conscienciosidade* e *estabilidade emocional*, entre os *seniores* de 1^a liga e os de 2^a liga.

Palavras-Chave: Personalidade, TIPI, Atletas de Futebol, Posições de jogo

ABSTRACT

Analysis of personality profile in soccer players

This study sought to determine the Personality Profile based on the Five Factor Model of Costa and McCrae (1987). The sample consisted of 170 male athletes of soccer sport. Were used as

measures of self-report, the Ten Item Personality Inventory (TIPI), (Brito-Costa, Moisés, Almeida, & Castro, 2015) Portuguese version. Statistical analysis was performed by the Statistical Software Package for the Social Sciences (SPSS) in its 19 version for Windows. There were statistically significant differences in the Personality Profile of the athletes in particular, *openness to new experiences* factor in the *midfielder* position compared to other positions, as well as the *conscientiousness*, *emotional stability* and *openness to new experiences* factors, between *senior* and *subs*, *conscientiousness* and *emotional stability* factors among in the *1st league seniors* compared to *2nd league seniors*.

Keywords: Personality, TIPI, Soccer Athletes, Game Positions

INTRODUÇÃO

O desporto tem-se demonstrado um veículo eficaz para o desenvolvimento a nível pessoal, social e emocional dos jovens (Morris, Sallybanks, Willis, & Makkai, 2004). Para além do potencial de influenciar o auto-conceito, a prática desportiva promove o desenvolvimento da personalidade e é um alicerce fundamental na construção do carácter, e algumas fontes empíricas abordam especificamente o desenvolvimento da personalidade e da juventude no envolvimento desportivo (Vallance, Dunn, & Dunn, 2006).

A literatura sugere que a personalidade pode afectar tanto as variáveis de desempenho, quanto os níveis de participação, mas não está claro se a personalidade afecta o envolvimento na actividade física ou se é a prática desportiva que influencia a personalidade (Cervello, Moreno, Villodre, & Iglesias, 2006).

A personalidade tem sido definida como um conjunto de qualidades psicológicas que contribuem para padrões distintos de um indivíduo sentir, pensar e comportar-se (Cervone & Pervin, 2010). Alguns autores postulam que os atletas tendem a apresentar níveis mais altos de extroversão e níveis mais baixos de neuroticismo, comparativamente com amostras normativas (Egan & Stelmack, 2003; Hughes, Case, Stuempfle, & Evans, 2003; Kajtna, Tusak, Baric, & Burnik, 2004; Kirkcaldy, 1982). Outros estudos incluem diferenças entre atletas de elite e amadores, que competem em diferentes desportos (Allen, Greenless, Lain, & Jones, 2011; Johnson & Morgan, 1981; Morgan & Pollock, 1977; Rhea & Martin, 2010; Sheard & Golby, 2010).

Existem ainda pesquisas, sobre a possibilidade da personalidade prever o sucesso desportivo (Allen et al., 2011; Egloff & Gruhn, 1996; Gee, Marshall, & King, 2010; Morgan & Johnson, 1978), porém, os estudos (Morgan, O'Connor, Ellickson, & Bradley, 1988; Piedmont, Hill, & Blanco, 1999; Vaeyens, Williams, Lenoir, & Philippaerts, 2008) revelam que não existe um padrão consistente entre as dimensões da personalidade e o rendimento desportivo, uma vez que esta relação parece ser incompatível, dada a possibilidade de ocorrerem situações adversas e factores externos que o podem influenciar.

Por outro lado, o desempenho desportivo é um processo complexo e dinâmico em que, por exemplo, um único momento de má sorte, uma má decisão do atleta ou um acontecimento inesperado pode alterar o resultado de uma competição de forma dramática. Assim, qualquer tentativa de relacionar a personalidade com o rendimento desportivo global, poderá ser considerado um esforço um pouco irrealista (Aidman & Schofield, 2004; Vealey, 2002).

Desta forma, os autores sugerem que a investigação não deve focalizar os efeitos da personalidade nos resultados, nomeadamente no rendimento desportivo (Ozer & Benet-Martinez, 2006; Poropat, 2009).

No que se refere à avaliação da personalidade, Gosling, Rentfrow, e Swann (2003), desenvolveram o *Ten Item Personality Inventory* (TIPI), validada para Portugal por Brito-Costa, Moisés, Almeida, & Castro (2015). Trata-se de uma medida breve de auto relato composta por 10 *items* de

avaliação da personalidade baseada no modelo dos Cinco Grandes Factores de Costa e McCrae (1987). Este modelo é substancialmente descritivo, hierárquico e com ênfase no aspecto taxonómico, ou seja, defende que as características da personalidade são organizadas num número menor de construções fundamentais e que cada factor seja tido em conta na sua estrutura, classificada em cinco factores característicos: extroversão, amabilidade, estabilidade emocional, conscienciosidade e abertura à experiência (Bucik, Boben, & Hrusevar-Bobek, 1997; Costa & McCrae, 1987; Grant & Langan-Fox, 2006; Gosling et al, 2003; Macdonald, Bore, & Munro, 2008; Pervin & John 1997; Rovik et al., 2007).

Na avaliação dos perfis de personalidade, alguns autores (Allik, Laidra, Realo, & Pullman, 2004; McCrae et al., 2002) revelam que a utilização de medidas de auto-relato em jovens, pode fornecer resultados estruturalmente válidos nos cinco grandes factores da personalidade, mas, empiricamente ligados a baixos níveis de estabilidade emocional e conscienciosidade, os quais se vão alterando consoante as construções que vão efectuando no seu crescimento, bem como nas suas vivências.

Outros estudos (Buchanan & Smith, 1999; Gosling, Potter, Christopher, & Oliver, 2008; McGraw, Tew, & Williams, 2000; Robins, Trzesniewski, Tracy, Gosling, & Potter, 2002; Skitka & Sargis, 2006) revelam que a avaliação dos perfis de personalidade deteta mais diferenças entre os entre 10 e os 14 anos, do que em idades posteriores, evidenciando resultados semelhantes em adolescentes, jovens adultos e adultos, reiterando, que o final da infância e início adolescência, são períodos fundamentais para o desenvolvimento da capacidade de análise sobre a própria personalidade.

Para Minzi (2004), as estruturas psicológicas da personalidade desenvolvem-se gradualmente durante o decorrer da vida e ainda que os fatores culturais e biológicos contribuam para o desenvolvimento da personalidade, as pessoas são agentes ativos que elegem durante o seu percurso, e ações que determinam significativamente a natureza das suas experiências e as classificam nas pessoas que serão, e será na adultez que o indivíduo poderá seleccionar, com maior facilidade e autonomia, o percurso de vida que deseja seguir, dado o resultado da multiplicidade de trajectórias que se constata existirem na vida adulta (Gonçalves, & Barros, 2008).

Quando os atletas participam na competição desportiva, as suas características de personalidade subjacentes contribuem inevitavelmente para a forma como experienciam as emoções e como se comportam (Allen et al., 2011).

Considerando a importância da personalidade no desempenho desportivo, e sentido, dada a escassez de literatura neste âmbito, considerámos pertinente, empreender uma análise dos perfis de personalidade em atletas de futebol, com base no Modelo dos Cinco Grandes Factores da Personalidade de Costa e McCrae (1987).

MÉTODO

Instrumentos:

- *Questionário Sócio-Demográfico e de Prática Desportiva*, desenvolvido especificamente para a idade, estado civil, habilitações literárias, agregado familiar, escalão de competição e divisão competitiva. Procurou-se, também, no mesmo questionário, obter informações sobre a carreira desportiva dos atletas nomeadamente: anos de prática, posição de jogo, número de treinos semanais, tempo gasto nas deslocações para o treino, duração do treino e período do treino (manhã, tarde, ou noite);

- *Ten Item Personality Inventory (TIPI)*, (Gosling et al., 2003); adaptado para Portugal com o nome Inventário de Personalidade de Dez Itens, validação Portuguesa de Brito-Costa, Moisés,

ANÁLISE DE PERFIS DE PERSONALIDADE EM ATLETAS DE FUTEBOL

Almeida, & Castro (2015): é uma escala breve de avaliação da personalidade baseada no modelo dos Cinco Grandes Factores de Costa e McCrae (1987), composta por 10 itens que são avaliados através de uma escala tipo *likert* de 7 pontos, que varia desde 1 = Discordo totalmente a 7 = Concordo totalmente. Contém dois itens para cada um dos cinco factores que são: Abertura a Novas Experiências, Amabilidade, Conscienciosidade, Estabilidade Emocional e Extroversão.

Análise de Dados:

O tempo médio de resposta foi de 20 minutos. Para a análise estatística recorremos ao *Software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), na versão 19 para *Windows*. Utilizámos o teste de *Kolmogorov-Smirnov* para avaliar a normalidade da distribuição, o teste *U Mann Whitney* e o teste de *Kruskal Wallis*.

Participantes:

A amostra foi constituída por 170 atletas da modalidade de futebol, cuja média de idade se situou nos 18,50 anos, com um mínimo de 13 e um máximo de 33 anos. Todos os participantes eram do género masculino. Os constituintes da amostra pertenciam a três clubes das regiões centro e norte do País designados como clubes A, T e P, sendo que 88,2% da amostra estava integrado, nas divisões principais do campeonato nacional da respectiva modalidade (Clube A e P) e 11,8% se enquadrava num nível competitivo com a designação atribuída pela Federação Portuguesa de Futebol como 2ª Divisão Nacional Centro (Clube T). Ao nível da posição de jogo, 18 indivíduos (10,6%) ocupavam a posição de guarda-redes; 28 indivíduos (16,5%) eram defesa central; 26 indivíduos (15,3%) eram defesa lateral; 46 indivíduos (27,1%) eram médio centro; 30 indivíduos (17,6%) eram médio ala e 22 indivíduos (12,9%) eram ponta de lança.

Dos participantes, conforme constatado no Quadro 1, pertenciam ao clube (A) os escalões Sub-15, Sub-16, Sub-17, Sub-19 e Sénior; ao clube (P) os escalões Sub-16, Sub-17 e Sub-19, e ao clube (T) o escalão Sénior. No que se refere ao escalão competitivo, 8,8 % do total da amostra pertencia ao escalão Sub-15; 20,6 % escalão Sub-16; 20,0 % escalão Sub 17; 23,5 % escalão Sub 19 e 27,1% escalão sénior. Relativamente ao escalão sénior, 15,3% pertencia à divisão principal do campeonato nacional e 11,8% eram relativos à segunda divisão. Dentro dos clubes, verificámos que a totalidade dos atletas do Clube (T) era sénior da 2ª divisão, no Clube (P) 37,7% era juvenil (Sub-17) e 35,8% Juvenil (Sub-16). No clube (A), 26,8% era sénior da 1ª divisão, sendo a mesma percentagem da amostra dos jogadores deste clube, junior (Sub-19).

Quadro 1: Distribuição dos escalões por clube

Escalão Actual	Clube							
	A		T		P		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Iniciados (sub15)	15	15,5%	0	0,0%	0	0,0%	15	8,8%
Juvenis (sub16)	16	16,5%	0	0,0%	19	35,8%	35	20,6%
Juvenis (sub17)	14	14,4%	0	0,0%	20	37,7%	34	20,0%
Juniões (sub19)	26	26,8%	0	0,0%	14	26,4%	40	23,5%
Seniores 2ª Divisão	0	0,0%	20	100,0%	0	0,0%	20	11,8%
Seniores 1ª Liga	26	26,8%	0	0,0%	0	0,0%	26	15,3%
Total	97	100,0%	20	100,0%	53	100,0%	170	100,0%

Perfil dos Participantes: Guarda-Redes - Evidenciaram um nível médio alto (38,9%) e alto (38,9%) de extroversão, nível médio alto (38,9%) de amabilidade, nível médio alto (50,0%) de cons-

cienciosidade, nível médio baixo (61,1%) de estabilidade emocional e de abertura a novas experiências; **Defesa Central:** Revelaram um nível médio alto (32,1%) e alto (38,9%) de extroversão, nível médio alto (46,4%) de amabilidade, nível médio alto (42,9%) de conscienciosidade, nível médio alto (46,4%) de estabilidade emocional, e nível médio baixo (39,3%) de abertura a novas experiências; **Defesa Lateral:** Evidenciaram um nível médio alto (46,2%) de extroversão, nível médio alto (65,4%) de amabilidade, nível médio alto (50,5%) de conscienciosidade, nível médio alto (38,5%) de estabilidade emocional, e nível médio baixo (38,5%) de abertura a novas experiências; **Médio Centro:** Caracterizaram-se por um nível médio alto (34,8%) de extroversão, nível médio alto (50,0%) de amabilidade, nível médio alto (58,7%) de conscienciosidade, nível médio baixo (50,0%) de estabilidade emocional, e nível médio alto (47,8%) de abertura a novas experiências; **Médio Ala:** Revelaram um nível alto (43,3%) de extroversão, nível alto (36,7%) de amabilidade, nível médio alto (40,0%) de conscienciosidade, nível médio baixo (36,7%) de estabilidade emocional e nível alto (40,0%) de abertura a novas experiências; **Ponta de Lança:** Apresentaram um nível médio baixo (36,4%) de extroversão, nível médio alto (36,4%) de amabilidade, nível médio alto (40,9%) de conscienciosidade, nível médio baixo (54,5%) de estabilidade emocional, nível baixo (45,5%) de abertura a novas experiências.

RESULTADOS

O teste de Kolmogorov-Smirnov foi utilizado para definir a normalidade da distribuição. Pela análise do Quadro 2, verificamos que, a distribuição de dados referentes às variáveis Perfil de Personalidade não se encontravam dentro da normalidade ($p < 0,05$).

Quadro 2: Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov

	Kolmogorov-Smirnov ^a		
	Estatística	gl	p
Perfil de Personalidade			
Extroversão	0,106	170	0,000
Amabilidade	0,162	170	0,000
Conscienciosidade	0,179	170	0,000
Estabilidade Emocional	0,123	170	0,000
Abertura a Novas Experiências	0,132	170	0,000

a. Correção de Significância de Lilliefors

Pela análise do Quadro 3, podemos verificar que não existem diferenças entre os grupos ($p > 0,05$), logo não existem evidências que nos apontem para que o período de treino influencie os fatores do perfil de personalidade.

Quadro 3: Teste Kruskal Wallis

	Período de Treino						χ^2	p
	Manhã		Tarde		Noite			
	N	Média Classe	N	Média Classe	N	Média Classe		
Perfil de Personalidade								
Extroversão	79	86,78	20	83,83	71	84,54	0,105 0,949	
Amabilidade	79	84,62	20	92,45	71	84,52	0,469 0,791	
Conscienciosidade	79	94,72	20	81,22	71	76,44	5,464 0,065	
Estabilidade Emocional	79	93,41	20	76,53	71	79,23	3,943 0,139	
Abertura a Novas Experiências	79	94,47	20	81,85	71	76,55	5,206 0,074	

ANÁLISE DE PERFIS DE PERSONALIDADE EM ATLETAS DE FUTEBOL

Pela análise do Quadro 4, podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, ao nível do perfil de personalidade, nos factores “Conscienciosidade” ($U = 2136,0$; $p = 0,011$), “Estabilidade Emocional” ($U = 2263,5$; $p = 0,037$) e “Abertura a novas experiências” ($U = 2239,0$; $p = 0,030$), observando-se médias de classe superiores nos séniores face aos subs, indicando que os seniores apresentam valores mais elevados ($p < 0,05$) nestes factores do perfil de personalidade, face aos Subs.

Quadro 4: Teste U Mann Whitney

	Subs		Séniores		U	p
	N	Média de Classe	N	Média de Classe		
Perfil de Personalidade						
Extroversão	124	87,29	46	80,67	2630,000	0,433
Amabilidade	124	83,19	46	91,74	2565,000	0,305
Conscienciosidade	124	79,73	46	101,07	2136,000	0,011*
Estabilidade Emocional	124	80,75	46	98,29	2263,500	0,037*
Abertura a Novas Experiências	124	80,56	46	98,83	2239,000	0,030*

* - Correlação é significativa ao nível de 0.05.

Pela análise do Quadro 5, podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, nos factores “Conscienciosidade” ($U = 151,5$; $p = 0,014$) e “Estabilidade Emocional” ($U = 135,0$; $p = 0,005$), observando-se médias de classe superiores nos seniores da 1ª divisão face aos seniores da 2ª divisão nestas dimensões. Logo, os seniores da 1ª divisão apresentam valores mais elevados ($p < 0,05$) nestes factores do perfil de personalidade, face aos seniores da 2ª Divisão.

Quadro 5: Teste U Mann Whitney

	Séniores 2ª Divisão		Séniores 1ª Divisão		U	P
	N	Média de Classe	N	Média de Classe		
Perfil de Personalidade						
Extroversão	20	24,55	26	22,69	239,000	0,640
Amabilidade	20	23,75	26	23,31	255,000	0,910
Conscienciosidade	20	18,08	26	27,67	151,500	0,014*
Estabilidade Emocional	20	17,25	26	28,31	135,000	0,005**
Abertura a Novas Experiências	20	20,13	26	26,10	192,500	0,128

** - Correlação é significativa ao nível de 0,01.; * - Correlação é significativa ao nível de 0.05.

De acordo com o Quadro 6, verificamos que existem diferenças estatisticamente significativas ao nível da posição de jogo dos atletas na dimensão “Abertura a novas experiências” ($p = 0,033$), observando-se, nesta dimensão, médias de classe superiores na posição de Médio, face às restantes posições. Logo, existem diferenças nos factores do perfil de personalidade, ao nível da dimensão “abertura a novas experiências” entre as posições de jogo ($p < 0,05$).

Quadro 6 : Teste Kruskal Wallis

	Posição de Jogo								χ^2	P
	Guarda-Redes		Defesa		Médio		Avançado			
	Média	N	Média	N	Média	N	Média	N		
Perfil de Personalidade										
Extroversão	18	94,89	54	83,65	76	86,32	22	79,52	1,090	0,779
Amabilidade	18	78,86	54	85,31	76	89,66	22	77,00	1,584	0,663
Conscienciosidade	18	83,11	54	85,15	76	86,55	22	84,70	0,087	0,993
Estabilidade Emocional	18	81,94	54	95,43	76	85,29	22	64,77	6,336	0,096
Abertura a Novas Experiências	18	78,14	54	75,36	76	97,72	22	74,20	8,746	0,033*

* - Correlação é significativa ao nível de 0.05.

DISCUSSÕES E CONCLUSÕES:

No que diz respeito ao escalão, face ao perfil de personalidade dos atletas, verificámos que os seniores apresentam valores mais evidenciados, comparativamente com os subs, nos factores “Conscienciosidade” ($p = 0,011$), o que está relacionado a indivíduos com maior índice de orientação para a tarefa e para objectivos, com maior controlo de impulsos, que são organizados, que têm senso de dever, auto-disciplinados, pontuais, ambiciosos, comprometidos, e perseverantes; “Estabilidade Emocional” ($p = 0,037$), que se relaciona com indivíduos que tendem a sentir mais frequentemente emoções negativas como ansiedade, amargura, tristeza, e com estratégias de confronto mal-adaptativas, o que depreendemos ter a ver com o factor de os seniores terem mais idade e também pela natureza competitiva e a responsabilidade acrescida; “Abertura a novas experiências” ($p = 0,030$), relativa a indivíduos pró-activos que valorizam a experiência, e que revelam tolerância para a exploração do conhecido e do desconhecido.

Sendo a nossa amostra constituída por atletas cujas idades variam entre os 13 e os 33 anos, estes resultados vão de encontro ao postulado por alguns autores (Allik, Laidra, Realo, & Pullman, 2004; Brito-Costa, Moisés, Almeida, & Castro, 2015; McCrae et al., 2002, Parker et al., 2004), que referem que a utilização de medidas de avaliação de auto-relato em jovens, pode oferecer resultados estruturalmente válidos, mas empiricamente ligados a baixos níveis de estabilidade emocional e conscienciosidade, uma vez que estes vão alterando consoante as construções que vão efectuando no seu crescimento bem como as suas vivências, reiterando também os resultados obtidos em alguns estudos (Buchanan & Smith, 1999; Gonçalves & Barros, 2008; Gosling et al., 2008; McGraw et al., 2000; Minzi, 2004; Robins et al., 2002; Skitka & Sargis, 2006), que referem o final da infância e início da adolescência, como períodos fundamentais para o desenvolvimento da capacidade de análise sobre a personalidade.

Já no que diz respeito aos seniores da 1ª divisão face aos seniores da 2ª divisão, apenas foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos factores “Conscienciosidade” ($p = 0,014$) e “Estabilidade Emocional” ($p = 0,005$), observando-se, ainda assim, médias superiores em todos os factores do perfil de personalidade nos seniores de 1ª divisão face aos seniores de 2ª divisão, reforçando novamente, que os jovens fornecem resultados ligados a baixos níveis de estabilidade emocional e conscienciosidade (Allik et al., 2004; McCrae et al., 2002), uma vez que a média de idades no escalão competitivo da 2ª divisão é inferior à média de idades da 1ª divisão, e direccionamos a alguns estudos (Allen, et al., 2011; Johnson & Morgan, 1981; Kirkcaldy, 1982; Morgan & Pollock, 1977; Rhea & Martin, 2010; Sheard & Golby, 2010) que revelam diferenças entre atletas de elite e amadores, uma vez que nesta amostra os seniores de 1ª divisão competem no escalão de elite

ANÁLISE DE PERFIS DE PERSONALIDADE EM ATLETAS DE FUTEBOL

e os de 2ª divisão são designados amadores, à luz das normas da Federação Portuguesa de Futebol.

Em função da posição face ao perfil da personalidade dos atletas, também foram observadas diferenças estatisticamente significativas no factor “abertura a novas experiências” ($p = 0,033$), que é vista como a busca pró-activa e valorização da experiência, curiosidade, interesse, criatividade, operacionalização e imaginação, observando-se médias superiores na posição de “médio” face às restantes posições.

Estes resultados assemelham-se ao perfil desportivo do “médio”, que é descrito por Maças e Brito (2000) como sendo o responsável pela criação de jogadas, aquele de quem se espera os lances de construção criativa e de soluções para o ataque, de quem se espera o ponto de partida para a conquista de construções mais ofensivas, através de passes, *dribles*, simulações e lançamentos, criando, ocupando e utilizando de forma eficiente os espaços de jogo.

Face ao anteriormente descrito, esta será a posição que mais requer níveis elevados de “abertura a novas experiências”, para que, num período de tempo tão mínimo quanto possível o “médio” assuma o jogo, e o faça evoluir mais favoravelmente, oferecendo as melhores estratégias aos colegas de equipa, o que corrobora os resultados obtidos.

Dado não termos elementos de comparação no que diz respeito a investigações desta natureza, as diferenças encontradas entre as posições dos jogadores, devem ser tidas em consideração, aquando da realização de um estudo com estas características, uma vez que é essa ambivalência de atributos que totaliza uma equipa.

No futebol, como em qualquer desporto colectivo, embora algumas valências sejam mais importantes para uma determinada posição em campo, é pertinente considerarmos a existência de um nível mínimo de competência individual de cada atleta, de forma a contribuir significativamente, para o seu sucesso individual e grupal, anuindo a linha de raciocínio de alguns autores (Abbott & Collins, 2004; Mohamed et al., 2009; Tranckle & Cushion, 2006; Williams & Reilly, 2000), que referem que, mais importante que identificar o melhor jogador num determinado momento, é identificar quais os factores que podem ser limitadores ou potenciadores do seu talento.

Assim, consideramos que, para além da importância da descoberta de atletas em função das suas qualidades físicas, técnicas e táticas, é de interesse crucial, a identificação desses factores, na perspectiva da personalidade, de forma a contribuir significativamente para a sua real ascensão enquanto atleta e enquanto pessoa.

Esta pesquisa, mostra algumas diferenças evidentes nos perfis de personalidade dos atletas, quer em função do escalão competitivo, bem como em função da posição de jogo.

O perfil de personalidade tem um efeito determinante sobre as experiências desportivas, não bastando ao atleta ter talento, uma vez que, não é só necessário saber ou saber fazer, mas também saber ser. Estas experiências, são importantes no decorrer da carreira desportiva, no entanto, são apenas isso: individuais, momentâneas e unas para cada atleta, e as escolhas que são feitas, tendo em conta o seu perfil de personalidade, e suas acções emocionais, levam, a que o mesmo revele comportamentos mais ou menos adequados ao seu sucesso desportivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbott, A., & Collins, D. (2004). Eliminating the dichotomy between theory and practice in talent identification and development: Considering the role of psychology. *Journal of Sports Sciences*, 22(5), 395-408. Doi: 10.1080/02640410410001675324
- Aidman, E., & Schofield, G. (2004). Personality and individual differences in sport. *Journal of Sports Sciences*, 33, 22-47.
- Allen, M. S., Greenlees, Lain & Jones (2011). An investigation of the five-factor model of personality and coping behaviour in sport. *Journal of Sports Sciences*, 29 (8), 841-850.

- Allik, J., Laidra, K., Realo, A., & Pullman, H. (2004). Personality Development from 12 to 18 Years of Age: Changes in Mean Levels and Structure of Traits. *European Journal of Personality*, 18, 445-462.
- Brito-Costa, S., Moisés, A., Almeida, H., & Castro, F. (2015). Psychometric Properties of Ten Item Personality Inventory (TIPI). *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2 (1), 115-122. ISSN: 0214-9877.
- Buchanan, T., & Smith, J. L. (1999). Using the Internet for psychological research: Personality testing on the World Wide Web. *British Journal of Psychology*, 90, 125-144. Doi: 10.1348/000712699161189
- Bucik, V., Boben, D., & Hrusevar-Bobek, B. (1997). Pet velikih faktorjev osebnosti: Big Five factors of personality. In Slovenian. *Personality and Individual Differences* 4, 33-43.
- Cervello, E. M., Moreno, J. A., Villodre, N. A., & Iglesias, D. (2006). Goal orientation, motivational climate, and dispositional flow of high school students engaged in extracurricular physical activity. *Perceptual and Motor Skills*, 102, 87-92.
- Cervone, D., & Pervin, L. A. (2010). *Personality: Theory and research* (11^a ed.). New York: Wiley.
- Costa, P. T. J., & McCrae, R.R. (1987). Validation of the five-factor model across instruments and observers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 81-90. Doi: 10.1037/0022-3514.52.1.81
- Denissen, J. A., Geenen, R., Selfhout, M., & Van-Aken, M. (2008). Single item big five ratings in a social network design. *European Journal of Personality*, 22, 37-54. Doi: 10.1002/per.662
- Egloff, B., & Gruhn, A. J. (1996). Personality and endurance sports. *Personality and Individual Differences*, 21, 223-229. Doi: 10.1016/0191-8869(96)00048-7
- Egan, S., & Stelmack, R. M. (2003). A personality profile of Mount Everest climbers. *Personality and Individual Differences*, 34, 1491-1494.
- Garaigordobil, M., & Bernaras, E. (2009). Self-concept, self-esteem, personality traits and psychopathological symptoms in adolescents with and without visual impairments. *The Spanish Journal of Psychology*, 12 (1), 149-160.
- Gee, C. J., Marshall, J. C., & King, J. F. (2010). Should coaches use personality assessments in the talent identification process? A 15 year predictive study on professional hockey players. *International Journal of Coaching Science*, 4, 25-34.
- Gonçalves, M., & Barros, L. (2008). The Worries and Value Judgments Inventory for Youth: contributions to the assessment of attributions of worry and importance to the life domains in the transition to adulthood. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 26 (2), 141 - 166
- Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., & Swann J.W. B. (2003). A very brief measure of the Big-Five personality domains. *Journal of Research in Personality*, 37, 504-528. Doi:10.1016/S0092-6566(03)00046-1.
- Gosling, S., Potter J., Christopher J. S., & Oliver P. J. (2008). The Developmental Psychometrics of Big Five Self-Reports: Acquiescence, Factor Structure, Coherence, and Differentiation From Ages 10 to 20. *Journal of Personality and Social Psychology*, 94 (4), 718-737.
- Grant, S., & Langan-Fox, J. (2006). Occupational stress, coping and strain: The combined/interactive effect of the Big Five traits. *Personality and Individual Differences*, 41, 719-732. Doi: 10.1016/j.paid.2006.03.008
- Hughes, S., Case, H. S., Stuempfle, K. J., & Evans, D. (2003). Personality profiles of Idita sport ultramarathon participants. *Journal of Applied Sport Psychology*, 15, 256-261.
- Kajtna, T., Tus'ak, M., Barick, R., & Burnik, S. (2004). Personality in high-risk sport athletes. *Kinesiology*, 36, 24-34.

ANÁLISE DE PERFIS DE PERSONALIDADE EM ATLETAS DE FUTEBOL

- Kenny, D. A. (2004). Person: A general model of interpersonal perception. *Personality and Social Psychology Review*, 8, 265-280. Doi: 10.1207/s15327957pspr0803_3
- Kirkcaldy, B. D. (1982). Personality profiles at various levels of athletic participation. *Personality and Individual Differences*, 3, 321-326.
- Lima, C. F., & Castro, S. L. (2009). *Inventário de Personalidade de 10 itens, versão portuguesa* [Ten-Item Personality Inventory, Portuguese version]. Acedido em 10, Janeiro, 2011, em http://homepage.psy.utexas.edu/gosling/scales_we.htm.
- Maças V. & Brito J. J. (2000). *Os factores do jogo em futebol: As acções técnico-tácticas*. Vila Real: UTAD.
- Macdonald, C., Bore, M., & Munro, D. (2008). Values in action scale and the Big 5: An empirical indication of structure. *Journal of Research in Personality*, 42 (4), 787-799. Doi: 10.1016/j.jrp.2007.10.003
- McCrae, R. R., & Costa P.T. J., Terracciano, A., Parker, W. D., Mills, C. J., De Fruyt F., Mervielde I. (2002). Personality trait development from age 12 to age 18: longitudinal, cross-sectional, and cross-cultural analyses. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83 (6), 1456-1468.
- McGraw, K. O., Tew, M. D., & Williams, J. E. (2000). The integrity of Web-delivered experiments: Can you trust the data? *Psychological Science*, 11, 502-506. Doi: 10.1111/1467-9280.00296
- Minzi, M. (2004). Different perspectives on children's personality. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 17, 1.
- Mohamed, H., Vaeyens, R., Matthys, S., Multael, M., Lefevre, J. & Lenoir, M. (2009). Anthropometric and performance measures for the development of a talent detection and identification model in youth handball. *Journal of Sports Sciences*, 27 (3), 257-266. Doi: 10.1080/02640410802482417
- Morgan, W. P., O'Connor, P. J., Ellickson, K. A., & Bradley, P. W. (1988). Personality structure, mood states, and performance in elite distance runners. *International Journal of Sport Psychology*, 19, 247-263.
- Morgan, W. P., & Johnson, R. W. (1978). Personality characteristics of successful and unsuccessful oarsmen. *International Journal of Sport Psychology*, 9, 119-133.
- Morris, L., Sallybanks, J., Willis, K., & Makkai, T. (2004). Sport, physical activity and antisocial behavior in youth. *Youth Studies Australia*, 23, 47-52.
- Muck, P. M., Hell, B., & Gosling, S. D. (2007). Construct validation of a short fivefactor model instrument. A self-peer study on the German adaption of the ten item personality inventory (TIPI-G). *European Journal of Psychological Assessment*, 23, 166-175. Doi: 10.1027/1015-5759.23.3.166
- Ozer, D. J., & Benet-Martinez, V. (2006). Personality and the prediction of consequential outcomes. *Annual Review of Psychology*, 57, 401-421. Doi: 10.1037/a0018131
- Parker, J. D. A., Summerfeldt, L. J., Hogan, M. J., & Majeski, S. A. (2004). Emotional intelligence and academic success: examining the transition from high school to university. *Personality and Individual Differences*, 36, 163-172.
- Pervin, A. L., & John, P. O. (1997). *Personality: Theory and research*. (7ª ed.). New York: John Wiley & Sons.
- Piedmont, R. L., Hill, D. C., & Blanco, S. (1999). Predicting athletic performance using the five-factor model of personality. *Personality and Individual Differences*, 27, 769-777.
- Poropat, A. E. (2009). A meta-analysis of the five-factor model of personality and academic performance. *Psychological Bulletin*, 135, 322-338. Doi: 10.1037/a0014996
- Rammstedt, B., & John, O. P. (2007). Measuring personality in one minute or less: A 10-item short version of the Big Five Inventory in English and German. *Journal of Research in Personality*, 41,

203-212. Doi: 10.1016/j.ijrp.2006.02.001

- Rhea, D. J., & Martin, S. (2010). Personality trait differences of traditional sport athletes, bullriders, and other alternative sport athletes. *International Journal of Sports Science and Coaching*, 5, 75-85.
- Robins, R. W., Trzesniewski, K. H., Tracy, J. L., Gosling, S. D., & Potter, J. (2002). Global self-esteem across the life span. *Psychology and Aging*, 17, 423-434.
- Rovik, J. O., Tyssen, R., Gude, T., Moum, T., Ekeberg, O., & Vaglum, P. (2007). Exploring the interplay between personality dimensions: A comparison of the typological and the dimensional approach in stress research. *Personality and Individual Differences*, 42, 1255-1266.
- Sheard, M., & Golby, J. (2010). Personality hardiness differentiates elite-level sport performers. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 8, 160-169.
- Skitka, L. J., & Sargis, E. G. (2006). The Internet as psychological laboratory. *Annual Review of Psychology*, 57, 529-555. Doi: 10.1146/annurev
- Smits, D. J. M., & Boeck, P. (2006). From BIS/BAS to the big five. *European Journal of Personality*, 20, 255-270. Doi: 10.1002/per.583
- Tranckle, P., & Cushion, C. J. (2006). Rethinking Giftedness and Talent in Sport. *Quest*, 58, 265-282.
- Williams, A. M., & Reilly, T. (2000). Talent identification and development in soccer. *Journal of Sports Sciences*, 18, 657-667. Doi:10.1080/02640410050120041
- Woods, S. A., & Hampson, S. E. (2005). Measuring the Big Five with single items using a bipolar response scale. *European Journal of Personality*, 19, 373-390. Doi:10.1002/per.542
- Vaeyens, R., Williams, A., Lenoir, M., & Philippaerts, R. M. (2008). Talent Identification and Development Programmes in Sport: Current Models and Future Directions. *Sports Medicine*, 38 (9), 703-714.
- Vallance, J. K. H., Dunn, J. G. H., & Dunn, J. L. C. (2006). Perfectionism, anger, and situation criticality in competitive youth ice hockey. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 28, 383-406.
- Vealey, R. S. (2002). Personality and sport behavior. In T. Horn (Ed.), *Advances in sport psychology* (2.^a ed., pp. 43-82). Champaign, IL: Human Kinetics.

